

1. Fenômeno migratório

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RESSTEL, CCFP. Fenômeno migratório. In: *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 35-52. ISBN 978-85-7983-674-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1. FENÔMENO MIGRATÓRIO

Fenômeno migratório: o caso dos *dekasseguis*

Viejas como el hombre, las migraciones humanas han sido encaradas desde muchos puntos de vista. Numerosos estudios han considerado las implicaciones históricas, demográficas, culturales, religiosas, políticas, ideológicas, económicas, etc., de las migraciones, implicaciones que son, sin duda, importantes y trascendentales. (Grinberg; Grinberg, 1984, p.11)

O *Homo viator*

Diversas características têm sido tomadas como centrais no homem e consideradas as primeiras responsáveis pelo seu desenvolvimento enquanto uma espécie animal bastante diferenciada. A inteligência foi uma dessas características tão fundamentais que deram ao homem a alcunha de *Homo sapiens*.¹ Outras qualidades

¹ *Homo sapiens*: “O *Homo sapiens* (homem inteligente) seguiu-se ao *Homo erectus*. Os cientistas sabem pouco acerca de como o *Homo sapiens* substituiu o

também foram enfatizadas mediante tantas outras denominações, tais como: *Homo erectus*,² *Homo sacer*,³ *Homo habilis*,⁴ *Homo faber*,⁵ *Homo ludens*,⁶ e assim por diante.

-
- Homo erectus*. Essa transformação ocorreu em épocas diversas, em diferentes partes do mundo. Uma forma primitiva do *Homo sapiens* pode ter se transformado no tipo humano atual por volta de 300.000 a.C., na África e na Europa, e por volta de 100.000 a.C. na Ásia oriental” (Enciclopédia Delta Universal, 1980, p.4057).
- 2 *Homo erectus*: “Os primeiros seres humanos. Por volta de 1.200.000 a.C., havia surgido uma forma de ser humano primitivo mental e fisicamente mais avançado do que os australopitecos. Os indivíduos tinham a altura de 150 cm e uma ampla frente obliquamente recuada, maxilar proeminente e um cérebro com cerca de duas vezes o tamanho de um australopiteco. Os cientistas denominam esse tipo de ser humano pré-histórico de *Homo erectus* (homem ereto). O *Homo erectus* vivia na África, na Ásia e na Europa. Usava ferramentas talhadoras e machadinhas de mão. Aprendeu a produzir fogo e provavelmente foi o primeiro a usar vestimentas” (Ibid., p.4056).
 - 3 *Homo sacer*: de acordo com Gomes (2012, p.32), “o *Homo sacer*, ou homem sagrado, representava, na Roma antiga, a pessoa que podia ser banida ou morta por alguém, mas que não podia ser sacrificada em rituais religiosos. Essa pessoa não possuía direitos e era considerada amaldiçoada”.
 - 4 *Homo habilis*: “Ancestrais Antropóides: Os cientistas pensam que os primeiros seres humanos provieram de criaturas antropóides, isto é, parecidas com o homem, chamadas australopitecos, nome que vem do termo científico da espécie *Australopithecus* (símio da região sul). [...] surgiram inicialmente há mais de cinco milhões de anos. Quase todos os fósseis de australopitecos foram descobertos no sul e no leste da África. Os pesquisadores descobriram também uns poucos fósseis de australopitecos em Java, uma ilha do sudeste da Ásia. Alguns estudiosos admitem que essas criaturas foram os primeiros seres humanos existentes, e que devem ser chamados de *Homo habilis* (homem hábil). A partir de meados da década de 1960, os cientistas descobriram muitos fósseis de australopitecos na África Oriental. Descobriram também ferramentas de pedra num sítio arqueológico que data de cerca de 2.600.000 a.C.” (Ibid., p.4056).
 - 5 *Homo faber*: filogeneticamente *Homo* significa gênero dos primatas do qual a espécie humana faz parte, e *faber* define o estágio do qual torna-se capaz de fazer e fabricar ou criar. Max Frisch (1957 apud Kanaan, 2013) define o *Homo faber* como aquele que constrói o seu próprio destino.
 - 6 *Homo ludens*: a tese central da obra *Homo ludens* é a de que o jogo é uma realidade originária, que corresponde a uma das noções mais primitivas e profundamente enraizadas em toda a realidade humana, sendo do jogo que nasce a cultura, sob a forma de ritual e de sagrado, de linguagem e de poesia, permanecendo subjacente em todas as artes de expressão e competição, inclusive

Outra característica que não poderíamos deixar de destacar como central para a construção da humanidade é a mobilidade, ou seja, a capacidade e disposição do homem para se deslocar, para sair de um lugar e ir para outro. Marcel (1967) considerava tão importante a itinerância do homem que não teve dúvidas em considerá-lo como *Homo viator*. Rouanet (1993), na mesma linha de pensamento, enfatiza que a essência do homem é viajar, mesmo que sejam viagens fortuitas e fugazes, como essas atuais que turistas fazem a lugares como a Disneylândia. Ainda que não se queira considerar a movimentação humana como um traço fundamental, segundo Maffesoli (2001, p.21), em *Sobre o nomadismo*, a mobilidade do homem é decorrente do desejo que o movimenta, que o pulsiona constantemente para o deslocamento, traz com ele a pulsão da andança, “o desejo de errância como sede do infinito”.

Ainda que não se considere a mobilidade como um traço central, indubitavelmente ela é uma importante parte constitutiva do homem. Ao lado da sabedoria, da capacidade laborativa, da postura ereta e de tantas outras estão também a itinerância, o nomadismo, a errância, a andança, enfim, a disposição e a habilidade do homem para realizar deslocamentos no plano geográfico, social, psicológico e cultural.

Entre as diferentes experiências humanas de deslocamento e mobilidade encontramos as que se expressam no chamado fenômeno migratório. O conceito de migração não é simples e tampouco existe consenso em torno dele. De maneira geral, refere-se a deslocamentos de um lugar a outro, a movimentações que possuem uma origem e um destino imbuídas de um propósito, de se fixar ou residir em outro território. Tais movimentações tendem a formar fluxos de trânsito de uma região a outra, dentro de um mesmo país, como no caso das chamadas “migrações internas”, ou fluxos de movimentações entre diferentes países ou continentes, como ocorre com

nas artes do pensamento e do discurso, bem como na do tribunal judicial, na acusação e na defesa polêmica, portanto, também na do combate e na da guerra em geral (Albornoz, 2009).

os chamados “migrantes internacionais”, comumente designados “imigrantes”. Os fluxos de partida foram nomeados “emigração” e os da chegada ao destino, “imigração”. Paralelamente, surgiram os conceitos de “emissão” e “recepção” para caracterizar regiões ou países de onde partiam ou aonde chegavam os migrantes.

No mundo atual, o conceito de migração se torna ainda mais complexo, em razão do aumento vertiginoso das diferentes formas de mobilidade e de trânsito entre uma localidade e outra, entre regiões geograficamente distantes, entre países, continentes e entre povos e culturas marcadamente diferentes. Hoje, diferentemente de outras épocas, são comuns os intercâmbios culturais e científicos e tantas outras viagens, a saber, com duração bastante variável. É possível permanecer em um lugar longínquo por alguns dias ou por uma longa temporada ou, ainda, ter domicílios em diferentes países. Por exemplo, são considerados “migrantes regionais” cantores e demais artistas que se deslocam do Nordeste brasileiro para se fixar no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Santamaria (2002) chama a atenção para o fato de que o fenômeno migratório é uma construção fortemente assentada no imaginário social e em formações discursivas transpassadas por relações de poder, interesses econômicos e políticos, e por dinamismos psicológicos. Dessa forma, o “imigrante” carrega consigo, frequentemente, imagens que o retratam como um intruso, perigoso, um ser inferior, incivilizado, e tantas outras características que até podem, inversamente, retratá-lo de forma positiva. Destaca ainda esse mesmo autor que a experiência da imigração se desenvolve, precipuamente, na relação com o estranho, com o desconhecido, no desafio do encontro com um “outro radical”, ou seja, com tudo aquilo, especialmente outros seres humanos, que soa como não familiar, como absolutamente diferente.

O caso dos *dekasseguis* pode ser tomado como paradigmático, enquanto uma experiência de encontro/confronto com o estranho, com o “outro radical”. Mesmo sendo descendentes de japoneses emigrados para outros países – como o Brasil e o Peru, na América Latina –, os *dekasseguis*, ao retornarem para o país dos seus antepassados, confrontam-se com uma cultura e um modo de vida muito

diferentes daqueles do seu país natal. Vivem uma experiência de estranhamento muito particular, porque não se reconhecem nas imagens daquele outro, de um espelho que, mesmo a distância, fez parte da constituição das referências de si mesmo: a cultura japonesa veiculada pelos seus antepassados que emigraram do Japão e cultivaram hábitos, costumes, a língua, a culinária, tradições e tantas outras referências simbólicas oriundas da terra natal. Portanto, a compreensão das experiências dos *dekasseguis*, tomadas como experiências fundamentalmente construídas no encontro/confronto com a figura do outro, não se restringe a um caso particular, mas oferece elementos para o entendimento dos desafios que a mobilidade e, conseqüentemente, os relacionamentos com o estranho colocam para o *Homo viator* da contemporaneidade.

Fusco e Souchaud (2010) afirmam que a imigração de retorno dos *dekasseguis* tem sido pouco estudada na América Latina, em virtude da predominância do interesse no fluxo migratório de outras etnias, como a europeia, a asiática e a africana. No entanto, aos poucos, os *dekasseguis* estão ocupando espaços na ciência e nas políticas públicas, sobretudo com os desafios e problemas gerados pelo retorno desses migrantes ao Brasil, o qual foi intensificado pela desaceleração da economia japonesa nos últimos anos.

A chegada dos japoneses ao Brasil

Ennes (2001) recupera, em seu trabalho, a trajetória da imigração japonesa no Brasil, destacando a primeira visita oficial japonesa feita, em 1884, pelo deputado Massayo Neguishi, com o propósito de escolher o estado mais adequado para a adaptação dos japoneses ao Brasil. Ele visitou Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo, e escolheu o estado paulista por considerar que a terra e o clima proporcionariam as condições ideais para os japoneses fixarem o seu lugar de morada. O primeiro tratado comercial marítimo Brasil/Japão foi firmado em 1895, seguida da iniciativa do governo japonês de enviar ao Brasil um diplomata japonês. “Esse tratado se baseava nos

seguintes princípios: paz perpétua entre Brasil e Japão, instalação de representação diplomática, liberdade econômica e comercial, isenção de tributos sobre importação e liberdade de consciência, entre outros” (Ennes, 2001, p.49).

Em 1897, foi assinado um contrato entre a Companhia de Imigração Tòyo do Japão e a empresa Prado & Jordão, prevendo a vinda de 1.500 japoneses para trabalharem nos cafezais paulistas. Porém, a empresa brasileira rompeu o contrato com esses imigrantes. Depois de sete anos, o Japão voltou a pensar no envio dos japoneses ao Brasil. Por intermédio dos veículos de comunicação eram oferecidas propostas otimistas sobre prodigiosas terras e um futuro melhor no Brasil.

Entre 1906 e 1907, o presidente da Companhia Colonizadora Kôkuko, Ryú Mizuno, faz visitas ao Brasil. Na primeira viagem fez um reconhecimento das condições ambientais e agrícolas do Estado de São Paulo. Na segunda, firma com o governo estadual um contrato no qual se estabeleceu a imigração de 3.000 pessoas por ano a partir de 1908. No dia 28/4/1908, parte do porto de Kobe o navio *Kasato Maru* com destino ao Brasil. Trazia a bordo 167 famílias, num total 761 pessoas, sendo 601 do sexo masculino e 190 do sexo feminino. O navio atracaria 52 dias após no porto de Santos, trazendo sonhos e a esperança de “fazer a América” e depois voltar para a terra natal. (Ennes, 2001, p.50)

Nessa época, o Brasil, por um lado, vivia a expansão cafeeira e necessitava contratar mão de obra para as lavouras de café, e o fluxo de imigrantes italianos havia diminuído drasticamente por iniciativa do governo daquele país. Por outro lado, o governo japonês, numa franca política desenvolvimentista e expansionista, estava interessado em enviar parcelas de seus agricultores de regiões mais pobres para países que eram estratégicos, tais como os da América.

Os imigrantes japoneses, também chamados de *dekasseguis*, com pouco ou nenhum conhecimento dos interesses de Estado e de empresários que circundavam a arrojada iniciativa de deslocar grandes contingentes de trabalhadores entre os extremos do planeta, vinham

com o objetivo de acumular dinheiro e retornar para o Japão, galgando uma ascensão social com o presumível enriquecimento obtido no exterior.

O Japão, país de ilhas e arquipélagos, isolado de outros territórios, mantinha peculiaridades no modo de vida de seu povo que eram vistas pelas culturas ocidentais como as de um povo marcado por uma forte rigidez, senso de disciplina, obediência severa, reverência à hierarquia e disposição para o trabalho e para o sacrifício. Mesmo tendo que enfrentar o intenso apego ao solo natal e as esteotipias do olhar dos estrangeiros sobre eles, japoneses tradicionais e empobrecidos se dispuseram a ser aríetes da política de abertura do Japão para o mundo, fustigados pelo sonho de “fazer a América”.

Para entendermos melhor a imigração dos descendentes de japoneses brasileiros ao Japão, precisamos voltar ao passado e retomar um pouco a história do país, precisamente o ano 1868. Nessa época, o Japão atravessava um período de grandes mudanças em sua história, na política, nos setores econômicos e sociais. O país deixa de ser um Estado feudal e passa para Estado moderno. Deliberador (2011) relata que a economia dos japoneses, predominantemente centrada na agricultura, passou a ser manufatureira e industrial. Muitos camponeses deixaram suas terras para trabalhar nas indústrias, e esse deslocamento trouxe consequências para o país. A indústria precisava de mão de obra qualificada e não de camponeses despreparados para o trabalho. Em razão dessas transformações políticas no país, muitos camponeses perderam suas terras com a reforma tributária de 1873. Uma década depois, o Brasil vivia o período da abolição da escravatura e estava contratando mão de obra estrangeira nas lavouras cafeeiras. Em 1906, o Brasil vivenciava a crise cafeeira da superprodução e da baixa do preço do café. A imigração japonesa acontece com a chegada do navio a vapor *Kasatu Maru*, em 18 de junho de 1908, no porto de Santos, quando o Brasil já se recuperava da crise cafeeira.

A Reforma Tributária de 1873 não permitiu mais o pagamento dos tributos em espécie e sim em dinheiro. O reflexo dessa medida

pode ser observado no fato de que, entre 1883 e 1890, aproximadamente 367.000 lavradores perderam suas propriedades pelo confisco e, entre 1884 e 1886, 1/7 de todo território arável foi perdido por hipotecas. O governo japonês, diante da penúria do campo, não mais impediu a saída dos cidadãos para o exterior. (Deliberador, 2011, p.36)

Em 1902, o governo italiano proibiu a emigração subsidiada, provocando um forte declínio do número desses imigrantes para o Brasil. A crise cafeeira de 1906, decorrente de superprodução e baixa dos preços do produto no mercado internacional, também afetou os movimentos migratórios. Porém, a rápida adoção de políticas de proteção permitiu que houvesse uma acelerada recuperação da economia cafeeira e a retomada da imigração. Nesse contexto, os japoneses, considerados exímios agricultores, passaram a ser vistos pelos fazendeiros brasileiros como uma alternativa de mão de obra para o cultivo do café.

O desembarque dos primeiros imigrantes japoneses foi cercado de curiosidade e de sentimentos díspares. Havia imagens negativas, anteriormente formadas em torno do “perigo amarelo”, que incluíam até os chineses, mas também apareceram, nas primeiras observações acerca dos hábitos de conduta dos recém-chegados, imagens de um povo asseado, paciente e bem comportado. Iniciava-se um grande e radical encontro/confronto entre duas nacionalidades e culturas bastante distintas.

Desafios do imigrante

Grinberg e Grinberg (1984) enfatizam que o indivíduo alimenta o desejo de se deslocar, e que, às vezes, esse desejo surge de forma surpreendente, ao passo que em outras ocasiões suscita aspirações impossíveis de se concretizar, resumindo-se a fantasias. Muitas pessoas migram por razões externas, por exemplo, a necessidade financeira, em busca de melhores condições de vida para si e para a família.

Segundo esses autores (Grinberg; Grinberg, 1984), ao chegar num mundo desconhecido, o imigrante pode encontrar muitas dificuldades internas para se integrar ao meio, por entrar em contato com objetos que lhe soam estranhos, tais como o idioma, os costumes e tantos outros aspectos que compõem o lugar. Surge o temor de não conseguir se comunicar com os outros e consigo mesmo. Esses chamados estados confusionais podem resultar do fracasso de se manter em uma dissociação eficaz e também uma precoce tentativa de integração que ainda não pode ocorrer. O imigrante usa mecanismos de defesa primitivos, como a dissociação e a idealização no novo ambiente a que chegou. Surgem também sentimentos de desvalia e persecutoriedade em relação ao novo lugar e a todas as pessoas que ficaram no antigo ambiente. *“Esta disociación le sirve para evitar el duelo, el remordimiento y las ansiedades depresivas que se agudizan por la misma migración, sobre todo cuando se trata de una migración voluntaria”* (Grinberg; Grinberg, 1984, p.19).

Tais sentimentos de idealização do novo e desvalorização do antigo são percebidos na experiência migratória como negação da ansiedade e do sentimento de culpa. Grinberg e Grinberg (1984) mencionam outra situação que pode ocorrer, na qual a terra prometida fica desencantada, ou seja, detentora de defeitos, aspectos negativos e persecutórios.

Lo esencial es mantener la disociación: «lo bueno» en un extremo y «lo malo» en otro, no importa cuál de ellos represente una u otra de esas características. Porque, en el caso de fracasar la disociación, surge inexorablemente la ansiedad confusional, con todas sus temidas consecuencias: ya no se sabe quién es el amigo y quién el enemigo, donde se puede triunfar y donde fracasar, cómo diferenciar lo útil de lo perjudicial, cómo discriminar entre el amor el odio, entre la vida y la muerte. Esta confusión puede llegar a ser vivida, entonces, como el castigo por el impulso migratorio, por el deseo de «conocer» un mundo nuevo... dis-tinto. (Grinberg; Grinberg, 1984, p.20)

Aliás, qual a diferença entre “imigrante” e “estrangeiro”? Por que todos os “imigrantes” não são simplesmente tratados como “estrangeiros”?

Para Grinberg e Grinberg (1984), a migração nomeia a condição da pessoa no lugar, ou seja, ela passa a ser vista e tratada como “emigrante” por aqueles que ficaram no lugar de onde partiu, ou como “imigrante” por aqueles do lugar para onde foi. Passa a ser reconhecida precipuamente como aquela que se desloca de um país a outro ou como alguém proveniente de lugar distinto e distante e que se instala como um intruso no cotidiano alheio, por um determinado tempo, impondo uma convivência cotidiana com os locais. Há uma diferença significativa entre trabalhadores estrangeiros e imigrantes. O trabalhador estrangeiro tem um tempo determinado para retornar ao país de origem e é visto pelos locais mais como um convidado desejado do que um intruso, ao passo que os “imigrantes”, mesmo tendo autorização para ingresso e trabalho no país receptor, como é o caso dos *dekasseguis*, são considerados intrusos, perigosos, não confiáveis e tantas outras atribuições negativas. Formam uma categoria social específica, decorrente do lugar em que são colocados pelas funções que exercem e catalisam nos planos econômico, político, cultural e psicossocial.

Higa (2006, p.47), em sua tese de doutorado *Conflitos intrapsíquicos e interpessoais em um grupo de migrantes brasileiros no Japão*, traz uma importante e instigante citação de Sayad (1998) sobre a questão da migração:

Estudioso arguto da questão da imigração argumenta que embora possa parecer banal, é importante assinalar que a imigração é um fato social completo. Torna-se pertinente dizer que o itinerário de um imigrante ancora-se no cruzamento das ciências sociais e como o ponto de encontro de disciplinas como história, geografia, demografia, direito, sociologia, psicologia, psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia, linguística, sociolinguística, ciências políticas, etc. Insiste Sayad que como “fato social total” o fenômeno da imigração diz respeito à sociedade como um todo

seja na dimensão diacrônica, isto é, numa perspectiva histórica, e também em sua extensão sincrônica, isto é, a partir das estruturas da sociedade e de seu funcionamento. Enfatiza Sayad que o imigrante é aquele que se deslocou fisicamente para um país estrangeiro mas, para fazê-lo, assinala, o imigrante emigrou de seu país de origem. Enfim, imigrante e emigrante são duas faces de um mesmo processo. O autor adverte ainda sobre a confusão entre estrangeiro e imigrante. Para o autor um estrangeiro é definido enquanto tal até as fronteiras mas continua estrangeiro mesmo além fronteiras, ou seja, durante a permanência no país. Não se trata da mesma situação do imigrante que é definido como estrangeiro até o limite da fronteira. Ultrapassada esta, diz Sayad, deixa de ser estrangeiro para tornar-se imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é, antes de tudo, uma condição social. (Sayad, 1998 apud Higa, 2006, p.47)

Grinberg e Grinberg (1984) distinguem duas categorias: a dos emigrantes voluntários e a dos emigrantes forçados. Muitos emigrantes são forçados a deixar seu país por motivos sociopolíticos ou até pela ausência de condições mínimas de subsistência. A migração forçada também pode ocorrer em massa, como em 1947 e 1950, quando dez milhões de pessoas foram obrigadas pelos seus governantes a emigrar do Paquistão para a Índia, e, inversamente, sete milhões da Índia para o Paquistão, por questões religiosas. Existe a “*no migraciones forzadas*”, caracterizada por situações em que há o impedimento da entrada de estrangeiros ou da saída de cidadãos para outros países. Muitas pessoas, impedidas de partir, sentem-se presas no país em que vivem e onde não querem permanecer, ao passo que outras desertam e passam a viver como ilegais em outro país.

Há migrações chamadas de “*resistencial cambio*”, conforme apontam Grinberg e Grinberg (1984, p.32). De forma contraditória, a resistência e a troca são migrações de pessoas que se sentem ameaçadas, têm medo de perder os valores, suas condições de vida e partes do próprio eu, e que não conseguem enfrentar seus medos primários. As migrações sedentárias são caracterizadas por pessoas que não

querem se separar do velho conhecido grupo familiar, ir para o novo desconhecido, tentando permanecer numa condição inalterada, sem modificações.

A veces, paradójicamente, ciertos cambios sociales importantes pueden determinar migraciones por “resistencia al cambio” y el temor a la amenaza de pérdida de valores, de condiciones de vida y, en última instancia, de las partes del self que ese cambio podría involucrar. En estos casos, el individuo no se atreve a enfrentar miedos primarios, como ser el miedo a la pérdida de estructuras establecidas, la pérdida de acomodación a pautas prescritas en el ámbito social, los que generan intensos sentimientos de inseguridad, incrementando el aislamiento, la soledad y debilitando, fundamentalmente, el sentimiento de pertenencia a un grupo social establecido. Muchos de los que emigran por este motivo suelen buscar sitios que, aunque puedan ser lejanos geográficamente, presentan condiciones y características similares a las del lugar de origen, previas al cambio. En estos casos podría hablar de “migraciones sedentarias”, ya que se busca rehuir lo nuevo o lo distinto, para recrear y mantener sin modificaciones lo familiar y conocido. Ese irse de un sitio para poder seguir quedándose en lo mismo: es irse para no cambiar. (Grinberg; Grinberg, 1984, p.32)

Alguns autores se preocuparam com aspectos psicológicos da “emigrabilidade” e tentaram construir uma tipologia psicológica dos emigrantes mediante levantamentos de características da personalidade que lhes seriam próprias.

Menges (1959) define el concepto de “emigrabilidad” como “la capacidad potencial del emigrante de adquirir en el nuevo ambiente, en forma gradual y comparativamente rápido, una cierta medida de equilibrio interno que es normal para él – siempre y cuando el nuevo ambiente lo haga razonablemente posible – y que, al mismo tiempo, pueda integrarse en el nuevo contexto sin ser un elemento perturbado o perturbador dentro del mismo”. (Menges, 1959 apud Grinberg; Grinberg, 1984, p.32)

Calvo (1977 apud Grinberg; Grinberg, 1984) enfatiza que as migrações, hoje, estão bastante incorporadas às formas e condições de vida contemporâneas, profundamente marcadas pela mobilidade geográfica, social e psicológica. Não são apenas as motivações econômicas que impulsionam as migrações, mas, sim, todo um conjunto de dispositivos cinéticos que se estabelece no ser humano e o lança na busca de outros lugares para viver, ainda que temporariamente.

Podemos dizer que os desafios do imigrante *dekassegui* são inumeráveis na transição de um lugar conhecido para outro desconhecido. Justo (2008, p.100) faz uma importante citação em seu texto “A chegada dos imigrantes japoneses e a partida dos decasséguiis: Dois lados da mesma viagem”:

São muitos os sentimentos que brotam na saga dos migrantes: medo, angústia, culpa, alegria, esperança, prazer e dor. Além dos próprios sentimentos, existem ainda os dos outros que também o afetam, tanto daqueles que ficaram como daqueles que o recebem. Da parte dos que ficaram carregam imagens ambivalentes, talvez de admiração, respeito e reconhecimento, mas quiçá também de inveja e recriminação por terem desertado. Daqueles com os quais passam a conviver são alvo de olhares dúbios, nos quais mesclam sentimentos de simpatia, confiança, compaixão e solidariedade, por exemplo, com sentimento de cobiça, rejeição e escárnio.

Para Justo (2008), os migrantes, ao cruzarem fronteiras e realizarem conexões entre povos e terras distantes, contribuíram para o desenvolvimento econômico, político e cultural da humanidade, além do enriquecimento psicológico possibilitado pelas experiências de enfrentamento de desejos, afetos, sentimentos e cognições candentes que brotam do contato com o estranho, com o não familiar. O autor acrescenta, ainda, que talvez essa tarefa tenha sido a mais importante e difícil do imigrante: enfrentar o fantasma do desconhecido, do diferente, do outro radicalmente encarnado na figura do estrangeiro. Morar em outras terras é enfrentar o novo e o desconhecido. Ademais, é construir outra “subjetividade”. “Formas diferentes

de pensar, sentir, perceber e falar exigem transformações pessoais profundas que beiram a uma despersonalização ou a um desmanche da identidade pessoal, difícil de ser suportada” (Justo, 2008, p.100).

A chegada dos *dekasseguis* ao Japão

La primera migración se remontaría, pues, a Adán y Eva. Estos, impulsados por la curiosidad (simbolizada por la serpiente), se trasladaron a la zona prohibida del Paraíso, donde se encontraba el árbol... “que era Bueno para comer, agradable a los ojos y codiciable para alcanzar la sabiduría”... “Eva comió de su fruto y dio a su marido”... “y fueron abiertos los ojos de entrambos”... “Conocieron el bien y el mal”..., lo que les valió la expulsión-exilio del Paraíso, perdiéndolo con todas sus gratificaciones y condiciones de seguridad y placer. (Grinberg; Grinberg, 1984, p.15)

Na década de 1980, ocorre o fenômeno denominado *dekassegui*. Desta feita, na direção contrária à da imigração de japoneses para o Brasil, são seus descendentes, aqui nascidos, que se deslocam para o Japão para trabalhar nas fábricas, visando melhores salários e formação de uma poupança. Nesse período, cabe lembrar que o Brasil passava por um momento de crise econômica e política.

De acordo com Sasaki (2004), o Brasil, antes considerado país de destino, país receptor, nas últimas duas décadas tem vivenciado processo inverso. Além de receber trabalhadores migrantes de outros países, o país também passou a enviar pessoas, transformando-se, concomitantemente, em emissor e receptor. Em 1990, o governo japonês restringiu a entrada dos trabalhadores estrangeiros ilegais, medida que facilitou a entrada dos descendentes de japoneses no país.

Diversos autores, ao iniciarem seus trabalhos, tentam compreender o significado da palavra *dekassegui* como forma de adentrar as primeiras compreensões desse fenômeno. Alguns enfatizam que, etimologicamente, *dekassegui* significa “trabalhar fora de casa”. No

Japão, o termo *dekassegui* referia-se especificamente aos trabalhadores que saíam das suas regiões de origem e iam para outras, como os japoneses nortistas e nordestinos que fugiam do inverno rigoroso e improdutivo (Sasaki, 1999, p.243).

Dekassegui refere-se ao termo que designava, originalmente, o japonês que, nos invernos rigorosos, migrava para a cidade grande em busca de trabalho temporário nas indústrias, retornando para o campo após o inverno. Com o tempo, o termo passou a compreender qualquer trabalhador migrante que alimenta o desejo de voltar à terra natal. Nos anos oitenta a expressão *dekassegui* assumiu conotação pejorativa, por estar associada diretamente à mão de obra sem qualificação. (Miura, 2004, p.192)

Trata-se, portanto, do indivíduo que trabalha fora, vindo de outras regiões ou de outros países. Esses trabalhadores, de maioria braçal, são contratados, tradicionalmente, para fazer o serviço sujo, penoso, perigoso, estafante ou mal remunerado, recusado pelos próprios japoneses. Os *dekasseguis* atuais, como aqueles provenientes da América Latina, percorreram o caminho inverso de seus pais e avós imigrantes japoneses. Foram à “Terra do Sol Nascente”, bem longe de seu país natal, atravessaram oceanos e continentes movidos pelo desejo de concretizar seus sonhos, sobretudo o sonho do enriquecimento, tal como ocorreu com seus avós quando emigraram do Japão.

Em meados da década de 1980, Sasaki (2004) relata as primeiras notícias dos filhos e netos de japoneses que moravam no Brasil e saíram para a “Terra do Sol Nascente”, ou seja, os *dekasseguis* que chegaram ao Japão como trabalhadores temporários. Não tiveram problemas burocráticos, já que muitos tinham dupla nacionalidade. Como ressalta Sasaki (2004), o fenômeno *dekassegui*, nessa época, era caracterizado como “movimento tímido em termos de volume”. Nesse mesmo período, o Brasil vivia uma intensa recessão econômica, marcada pela inflação e pelo desemprego no país, ao passo que no Japão os mais jovens buscavam empregos promissores, que não eram aqueles oferecidos pelas pequenas e médias empresas. Tudo

isso se agravava com o baixo índice de natalidade dos japoneses e, conseqüentemente, com o envelhecimento da população e a queda na força de trabalho. Em decorrência da falta de mão de obra japonesa, muitas empresas faliram, tendo que recorrer a trabalhadores estrangeiros. Entre 1986 e 1991, o Japão vivia uma boa situação econômica, atraindo muito trabalhadores estrangeiros, inclusive muitos ilegais, e a maioria era proveniente de países asiáticos.

Segundo Yamanka e Komai (1996, 1990 apud Sasaki, 2004), o Japão foi substituindo os trabalhadores ilegais por trabalhadores descendentes de japoneses, dando ênfase à consanguinidade, com o aval para exercer as atividades no Japão, por tempo indeterminado, e podendo residir permanentemente no país.

A política de imigração favorável aos “latinos-americanos” [sic] de origem japonesa é vista pelas autoridades japonesas como um meio de baixo custo político para ajudar a resolver a falta de mão de obra, com a vantagem adicional de que os imigrantes de ancestralidade japonesa não perturbariam a homogeneidade étnica mítica do país. (Cornelius, 1995, p.396 apud Sasaki, 2004, p.212)

Em virtude da descendência japonesa, os *dekasseguis* foram aceitos no Japão, uma vez que o parentesco facilitaria a sua adaptação no país, sem questionar a nacionalidade.

Para Miura (2004), o fluxo migratório dos descendentes para o Japão, como país de destino, tem a peculiaridade do encontro com as suas origens étnicas e novos significados daquilo que era passado pelos pais e avós.

Ocada (2002), em sua dissertação de mestrado intitulada *Nos subterrâneos do modelo japonês*, menciona a figura dos 3 Ks – *Kitanai*⁷ (sujo), *Kiken*⁸ (perigoso) e *Kitsui*⁹ (pesado) – utilizada para caracterizar o tipo de trabalho destinado aos estrangeiros, e pergunta pelas

7 *Kitanai*: [adj] sujo (Ohno, 1989, p.368).

8 *Kiken*: [s, adj-v] perigo, risco, perigoso (Ohno, 1989, p.355).

9 *Kitsui*: apertado(a), duro(a), pesado(a), áspero(a), severo(a) (Hinata, 1998, p.219).

razões que levam o migrante *dekassegui* a partir para o Japão e se submeter a tais condições de trabalho desqualificado. A conclusão da sua pesquisa foi que os entrevistados buscavam altos salários e trabalhos temporários.

Kawamura (2001 apud Sasaki, 2004, p.219) apresenta “os 5 Ks: *Kitanai* (sujo), *Kiken* (perigoso), *Kitsui* (pesado), *Kibishii*¹⁰ (exigente) e *Kirai*¹¹ (detestável)”, características correspondentes a postos de trabalhos de baixa qualificação, corroborando o significado pejorativo do termo *dekassegui*.

Galimbertti (2002) retrata as dificuldades e os sofrimentos emocionais daqueles que se aventuraram a deixar o solo natal e buscaram outro lugar distante para trabalhar. Nessa perspectiva, Cibele Cristina Osawa (2006) aponta um trabalho de resenhas críticas bibliográficas sobre “Trabalho ‘porco, perigoso e pesado’ dos *dekasseguis* e incidência de doenças psíquicas” do livro de Galimbertti (2002), *O caminho que o dekassegui sonhou (Dekassegui no yumê-ji): cultura e subjetividade no movimento dekassegui*, em que se depara com relatos de sofrimentos emocionais dos *dekasseguis* logo no primeiro contato da consulta psiquiátrica. Diante das queixas apresentadas pelos *dekasseguis* ao médico, são diagnosticados vários transtornos psiquiátricos nessa população de retorno (Osawa, 2006).

Conforme Sasaki (2004), no período dos anos 1980, logo no início do movimento *dekassegui*, os descendentes de japoneses que saíam do Brasil para trabalhar no Japão não eram bem-vistos. Como nomeia Sasaki (2004), era “um mal necessário”, havia uma imagem negativa daquele indivíduo que deixava o seu país de origem. No entanto, o Japão precisava de mão de obra não qualificada e barata, ou seja, de imigrantes que fizessem o trabalho sujo, perigoso e penoso que os japoneses se recusavam a fazer. Com o passar do tempo, foi se construindo uma imagem mais positiva do trabalhador *dekassegui* entre os *nikkeis*,¹² ligando-o à ideia de ancestralidade,

10 *Kibishii*: [adj] severo, rigoroso; intenso (Ohno, 1989, p.349).

11 *Kirai*: [adj-v] desgosto, antipatia, aversão, ódio (Ohno, 1989, p.360).

12 *Nikkei*: [*Nikkei no*] de origem japonesa (Hinata, 1998, p.315).

consanguinidade e de busca pelo conhecimento da cultura japonesa e de aproximação das suas raízes.

Yamanaka (1996 apud Sasaki, 2004, p.221) classifica esse movimento dos descendentes de japoneses como uma “migração de retorno”. Para conseguir trabalhar no Japão, o requisito exigido é ser de origem japonesa, os chamados *nikkei-jin*,¹³ ou estrangeiros. Kawamura (2008), em seu texto *Brasileiros no Japão: direitos e cidadania*, associa o termo *nikkei* aos japoneses e descendentes que moram fora do Japão.

Podemos dizer que os descendentes de japoneses, ao irem ao Japão, estão repetindo o mesmo trajeto dos seus pais e avós, numa forma de elaboração?

13 *Nikkei-jin*: pessoa (f) de origem japonesa (Hinata, 1998, p.315).